



aSPAs

ppgac - USP

DOI: 10.11606/issn.2238-3999.v5i2p1-4

EDITORIAL

Sob o eixo temático “Dramaturgia e história do teatro no Brasil”, a revista *aSPAs* 5.2 traz ao leitor uma seleção de artigos, ensaios e desenhos de pesquisa que abordam em diferentes aspectos os dois campos de pesquisa que o presente dossiê envolve: dramaturgia e história. São apresentadas perspectivas abrangentes que compreendem a noção de dramaturgia em sua variedade de funções e sentidos: da concepção habitual de teoria e análise dramática como método de leitura e interpretação de peças teatrais, da qual são exemplos os artigos dos pesquisadores Cleise Furtado Mendes, Jéssica Jardim e Paulo Bio Toledo, a uma concepção expandida do termo “dramaturgia”, que Patrice Pavis, em recente publicação¹, chama de “novas dramaturgias”, cujos exemplos nesta edição podem ser encontrados nos artigos dos pesquisadores Ana Carolina Monzon, Alexandre França e Valquíria Vieira. Além disso, no sentido de dar voz a *outras histórias do teatro brasileiro*, reunimos artigos que procurassem apresentar trajetórias e experiências teatrais fora do eixo Rio-São Paulo, contemplando principalmente estudos provenientes ou que abordassem o teatro realizado nas regiões Sul e Nordeste, como nos dão mostra os artigos de Adriano Moraes de Oliveira e Manoel Farias Júnior, entre outros. Além disso, pensando em aumentar a abrangência da revista, conquistando novos leitores, três artigos também foram publicados na língua inglesa: dos autores Adriano Moraes de Oliveira, Alexandre França e Cleise Furtado Mendes.

Na sessão Especial, o artigo “A ação do lírico na dramaturgia contemporânea”, de Cleise Furtado Mendes, faz uma reavaliação das teorias baseadas na crise do drama, notadamente o livro de Peter Szondi, *Teoria do drama moderno [1880-1950]*, e os estudos de Jean-Pierre Sarrazac, que valorizam a presença do épico como elemento determinante do drama moderno e contemporâneo. De modo dialético, a investigadora escapa da já clássica oposição entre o dramático e o épico, ampliando as referências críticas e teóricas na análise da produção dramática dos últimos trinta anos, ao apontar a importância do recurso lírico como elemento recorrente do drama moderno e tendência estruturante do drama contemporâneo não apenas na obra de dramaturgos mundialmente conhecidos, mas também no trabalho de uma parcela expressiva de autores brasileiros.

1. PAVIS, Patrice. Dramaturgie Nouvelle. In: _____. **Dictionnaire de la performance e du théâtre contemporain**. Paris: Armand Colin, 2014. p. 66-71.

Nesta mesma sessão, no artigo “Resistência e restauração de identidades no teatro da microrregião de Pelotas”, o pesquisador Adriano Moraes de Oliveira apresenta projeto de pesquisa realizado entre 2012 e 2014 sobre a atividade teatral na região pelotense. O estudo aponta para a similaridade entre as motivações e as proposições artísticas (ou comerciais) de microrregiões brasileiras e as dos grandes centros urbanos do país.

Abrindo a sessão Artigos, Ana Carolina Monzon, aborda em seu texto “Dramaturgia em processo” alguns aspectos da criação artística que tornam a tessitura dramática de uma obra teatral ou performativa intrinsecamente relacionada ao processo de criação na sala de ensaio, sem requerer necessariamente a escritura de um texto dramático como produto final vinculado a um espetáculo. Em verdade, o ponto de partida aqui é o *corpo* do ator que lança mão de diversos *materiais* como estímulos do processo criador. O trabalho do ator sobre si mesmo torna-o sujeito da criação, o que acentua o caráter inacabado e provisório da criação, assim como valoriza a autonomia do ator na constituição de sua própria dramaturgia.

No artigo “A metáfora da matrioshka animada pelo logos como princípios criador de dramaturgias”, Alexandre Gil França relaciona duas obras recentes do teatro e do cinema – a peça *Ninguém falou que seria fácil*, de Felipe Rocha, e o roteiro *Synecdoque, New York*, de Charlie Kaufman – com o conceito de über-marionette, de Edward Gordon Craig.

Relacionando história e análise dramática, a pesquisadora Jéssica Cristina Jardim observa o processo de modernização do teatro no Brasil, a partir do estudo da peça *A hora marcada*, do dramaturgo pernambucano Isaac Gondim Filho, que, sob a influência das ideias de Hermilo Borba Filho, associa-se a uma “plêiade” de autores nordestinos dispostos a encetar a modernidade teatral em Pernambuco.

Também na intersecção entre história e dramaturgia, Paulo Bio Toledo apresenta a trajetória da peça *Mutirão em Novo Sol*, concebida inicialmente no Teatro de Arena de São Paulo, por meio de suas três encenações no começo dos anos 1960, respectivamente em São Paulo, Recife e Salvador. Além de destacar o aspecto inovador da peça para a época, ao tratar a questão da luta de classes no meio rural, o autor aponta ainda para o experimentalismo formal de suas encenações pelos Centros de Cultura Popular (CPC) de São

Paulo e Salvador e pelo Teatro de Cultura Popular (TCP), do Movimento de Cultura Popular (MCP), em Pernambuco.

Concluindo esta sessão, o artigo “Arquiteturas de um corpo utópico no coletivo As Travestidas,” de Manoel Moacir Farias Júnior, apresenta a cena contemporânea de Fortaleza a partir da atuação do referido coletivo, que discute as questões de corpo e sexualidade dentro do universo transexual.

Na sessão Desenhos de Pesquisa, Valquíria Moura Vieira pretende discutir questões técnicas e metodológicas da dramaturgia do movimento, a partir da técnica Klaus Vianna e da teoria Corpomídia, visando a uma abordagem una (e não separada) de corpo e mente no processo de criação. Ainda nesta sessão, Mariana Souto Mayor tece pertinentes questões acerca da teatralidade das festividades públicas no Brasil do século XVIII, lançando a hipótese de que são elas indícios de nossas primeiras manifestações teatrais, antes do surgimento das casas de ópera em várias cidades brasileiras, que foram os primeiros edifícios teatrais oficiais no país.

Fechando esta edição, a sessão Forma Livre apresenta o ensaio de Sofia Rodrigues Boito, “Natureza viva (um ensaio-fluxo fotográfico-textual em modificação),” que acompanha seu ensaio fotográfico realizado especialmente para a revista *aSPAs*. Na experimentação de uma escrita performativa, o texto investiga a relação entre palavra e corpo na intenção de responder: “Qual é o meu gesto enquanto escrevo?”

Atendendo às expectativas da chamada proposta, apresentamos pesquisas que abarcam discussões diversas acerca da produção atual em dramaturgia, abordando várias conotações do termo, ao mesmo tempo em que apresentamos outros olhares da história do teatro no Brasil, dando foco a produções fora do eixo. Por fim, convidamos à fruição da revista e desejamos uma ótima leitura!

Lígia Souza e Igor de Almeida Silva